

## Responsabilidade e Resposta: resumo comentado<sup>1</sup>

Fábio Belo

*O sonho e a responsabilidade* – Em tudo vocês querem ser responsáveis! Mas não pelos seus sonhos! Que miserável fraqueza, que falta de coragem consequente! Nada é *mais* seu do que seus sonhos! Nada é mais sua obra! Conteúdo, forma, duração, ator, espectador – nessas comédias vocês próprios são tudo! E justamente aí se envergonham e se amedrontam de si, e mesmo Édipo, o sábio Édipo, extraiu consolo do pensamento de que nada podemos fazer em relação ao que sonhamos! Disso concluo que a grande maioria dos homens deve ter consciência de sonhos abomináveis. Se fosse diferente, como exploraríamos em favor da arrogância humana essa noturna criação poética! – Devo acrescentar que o sábio Édipo tinha razão, que realmente não somos responsáveis por nossos sonhos – mas tampouco por nossa vigília –, e que a doutrina do livre-arbítrio tem por pais o orgulho e o sentimento de poder humanos? Talvez eu o diga com demasiada freqüência: mas pelo menos isso não o torna um erro.<sup>2</sup>

Laplanche começa seu texto “Responsabilidade e Resposta”<sup>3</sup> citando essa passagem de Nietzsche. Um ponto destacado é quanto à presença do determinismo no final da citação. A ideia apresentada é freudiana em dois sentidos: somos responsáveis – devemos ser – por nossos sonhos; mas também essa responsabilidade não implica em nenhuma “autonomia” plena.

O problema maior da noção de responsabilidade para a psicanálise é justamente a pressuposição de que um sujeito seja *senhor* dos seus atos. Pressupor que eu possa me responsabilizar por meus atos – sejam os sonhos, sejam meus desejos em geral – de forma geral também me faz pressupor que esse “eu” responsável está *sobre* seus desejos. Tendo em vista a teoria da sedução generalizada, de Jean Laplanche, é justamente nesse ponto que o autor propõe um deslocamento significativo: da responsabilidade para a resposta.

Ao falar em resposta, Laplanche preserva a ideia de que, caso o sujeito se responsabilize pelos seus atos, deverá fazê-lo mantendo a *prioridade do outro, a primazia do inconsciente*. O sujeito responde ao seu inconsciente, mas não é, propriamente falando, responsável por ele.

O termo “responsabilidade” (*Verantwortung*) aparece raramente em Freud. A via que ele toma é a da culpa (*Schuld*). A interpretação de Laplanche é clara: “a prioridade dada

<sup>1</sup> Esse trabalho é apenas um resumo crítico do texto de Laplanche. De forma alguma ele pretende ser a tradução das ideias ou do texto de Laplanche. É apenas minha leitura e deve ser lida como tal. O objetivo desse texto é apresentar as ideias desse texto específico de Laplanche, pois ele será objeto de estudo no III Congresso Nacional de Psicanálise, Direito e Literatura. Maiores informações no site do evento: [www.conpdl.com.br](http://www.conpdl.com.br)

<sup>2</sup> Nietzsche, Friedrich. *Aurora*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2004 [1881], §128.

<sup>3</sup> Laplanche, Jean. Responsabilité et réponse. In \_\_\_\_\_. *Entre séduction et inspiration: l’homme*. Paris: PUF / Quadrige, 1999, pp. 143-172. Citado nesse trabalho como RR.

à culpabilidade sobre a responsabilidade (...) corresponde bem a essa vontade de não subjetivar demais o problema” (RR, 149). De fato, a culpa, assim como a resposta, mantêm a presença do outro bem marcada.

Também no início do texto, Laplanche lembra que a moral proposta por Freud pode ser caracterizada pelo termo alemão *Nüchternheit*, sangue frio, cabeça fria, prosaísmo, sobriedade. Essa *Nüchternheit* freudiana, lembra Laplanche, pode ser vista na substantivização das instâncias psíquicas ao invés de falar “diretamente” do sujeito: o “eu”, mas nunca “eu”. Ou seja: Laplanche vê essa sobriedade moral como um tipo de distanciamento que Freud toma ao falar da posição ética de cada um. Ao falar da instância psíquica “eu” e não de uma suposta substância ontológica universal, Freud, mais uma vez, distancia a psicanálise de um moralismo universal e religioso (que estou interpretando como o oposto dessa *Nüchternheit*).

Freud publica, em 1925, “Algumas notas adicionais sobre a interpretação de sonhos como um todo”<sup>4</sup>. São, na verdade, três notas: a primeira diz respeito aos limites da interpretação dos sonhos; a segunda fala da responsabilidade pelo conteúdo dos sonhos; e a última versa sobre o significado oculto dos sonhos.

Na segunda nota, intitulada “A responsabilidade moral pelo conteúdo dos sonhos”, Freud pergunta se devemos assumir a responsabilidade<sup>5</sup> pelo conteúdo de nossos sonhos, em especial pelo seu conteúdo imoral. Depois de lembrar que os sonhos de punição existem e que devem sua existência justamente ao desejo imoral contra o qual foram formados, Freud conclui:

Obviamente, devemos nos considerar responsáveis pelos impulsos maus dos próprios sonhos. Que mais se pode fazer com eles? A menos que o conteúdo do sonho (corretamente entendido) seja a inspiração de espíritos estranhos, ele é uma parte de meu próprio ser. (ESB, XIX, 165; GW, I, 567).

Laplanche lembra que o verbo *müssen* – e não o *sollen* – em algumas passagens nesse texto aponta para uma obrigação material, não de uma obrigação moral, mas como se fôssemos *forçados*. Não podemos fazer de outra forma a não ser carregar (*tragen*) a responsabilidade por nossos sonhos.<sup>6</sup>

Se Laplanche concorda com a ideia precedente, a continuidade da passagem de Freud começa a apontar para alguns problemas importantes:

Se procuro classificar os impulsos presentes, em mim, segundo padrões sociais, em bons e maus, devo arcar (*tragen*) com a responsabilidade por ambos os tipos; e, se em defesa digo que o

<sup>4</sup> ESB, XIX, 153-173; GW, I, 559-573.

<sup>5</sup> Freud utiliza tanto a palavra *Verantwortung* quanto *Verantwortlichkeit*. Ambas podem ser traduzidas como responsabilidade. A impressão que tenho é que a primeira tem mais a ver com o uso substantivado, mais preso ao eu: é minha responsabilidade. A segunda palavra parece aponta mais para a ideia de um *processo*, de uma capacidade para responder por algo. Nem Laplanche nem Freud exploram essa diferença, mas talvez seja o caso de se pensar nela.

<sup>6</sup> Freud, na famosa frase “*onde era o isso, lá deverá ser o eu*” se vale do verbo *sollen*. O verbo *müssen* tem mais o sentido de “ter que”, ser obrigado. O *sollen* tem mais o sentido moral do dever: não é tão obrigatório, mas não deixa de ser um dever...

desconhecido, inconsciente e recalcado em mim não é meu ‘eu’, não estarei baseando minha posição sobre o terreno da psicanálise, não terei aceito suas conclusões – e talvez serei mais bem ensinado pelas críticas de meus semelhantes, pelos distúrbios em minhas ações e pela confusão de meus sentimentos. Aprenderei, talvez, que o que estou repudiando não apenas ‘está’ em mim, mas vez e outra ‘age’ também desde mim para fora. (ESB, XIX, 165; GW, I, 567)

O problema aqui – ainda mais explicitado no próximo parágrafo – é que Freud está pressupondo que o eu e o isso “formam uma unidade biológica isolada”. O eu “se assenta” sobre o isso.

Para explicar a divergência de Laplanche quanto a essa passagem, é preciso um desvio introdutório à teoria da sedução generalizada (TSG)<sup>7</sup>. A tese fundamental dessa teoria é há uma dissimetria entre o bebê e os adultos que cuidam dele. Em primeiro lugar, o aparelho psíquico do bebê não está formado. Inicialmente, ele recebe excitações que vão se organizar posteriormente em dois grupos: um mais ligado, mas coeso e outro desligado. O primeiro forma o eu e suas redes narcísicas. O segundo é o isso. O conteúdo dessas instâncias advém das mensagens enigmáticas que os adultos endereçam aos bebês. Elas são enigmáticas porque estão comprometidas com inconsciente dos adultos. As mensagens que são traduzidas formam o eu; já os restos da tradução – aquilo que está mais comprometido com o inconsciente sexual dos adultos – formam o isso. Portanto, eu e isso se formam juntos. O eu não é exatamente uma parte diferenciada do isso como consta em grande parte da teoria freudiana clássica. O conflito entre ambos, claro, permanece na teoria de Laplanche. O isso ataca o eu permanentemente exigindo novas traduções daquele material recalcado – aquilo cuja tradução fracassou nos primórdios da constituição psíquica. Já o eu “fecha”, “liga”, permanentemente aquilo que é sexual (desligado, infantil, polimorfo).

Nessa direção, Laplanche ao longo da sua obra propõe pensar uma só pulsão: a pulsão sexual. Ela, na verdade, tem dois “movimentos”: a pulsão sexual de vida e a pulsão sexual de morte. A primeira diz respeito ao eu e ao que podemos localizar do lado das forças de união, síntese, coesão: são as forças de Eros. A segunda é propriamente a força do isso, é a pulsão por excelência já que ela não tem objeto pré-definido e atua sob o processo primário, isto é, não reconhece o tempo, o espaço, a morte, a contradição. É pura força destrutiva e desarticuladora, a satisfação pulsional, nesse caso, é mortífera.<sup>8</sup>

Essa distinção clara que Laplanche estabelece entre esses pólos – o eu e o isso, a pulsão sexual de vida e a pulsão sexual de morte – podem ser colocados ao lado de outro par de opostos importante: a revolução copernicana e o movimento ptolomaico. Trata-se da nomeação dessa dualidade psíquica no campo teórico. Laplanche acredita que a teoria psicanalítica pode ajudar ou atrapalhar o reconhecimento de que o “eu não é o senhor de

<sup>7</sup> Para saber mais detalhes dessa teoria, recomendo os *Novos Fundamentos para a Psicanálise e Freud e a sexualidade*. Ambos os livros de Laplanche disponíveis aqui: <http://www.4shared.com/file/4JcM3JJ4/LivrosLaplancheptbr.html>

<sup>8</sup> Laplanche critica a ideia de uma pulsão de morte biológica, tal como propõe Freud, em *Além do Princípio do Prazer*. O livro de Laplanche *Vida e Morte em Psicanálise* é uma tentativa de explicar os motivos pelos quais Freud foi levado a abandonar uma pulsão sexual mortífera – aquela proposta nos *Três Ensaios sobre a Sexualidade* – para depois propor uma pulsão de morte, cujo objetivo era o retorno ao inorgânico. Para ler o livro de Laplanche: [http://www.4shared.com/document/BKDTiTJm/Vida\\_e\\_Morte\\_em\\_psia.html](http://www.4shared.com/document/BKDTiTJm/Vida_e_Morte_em_psia.html)

sua própria casa”. A tese aqui é que a psicanálise que interessa sempre aponta para o *descentramento* radical imposto pela situação originária pela qual passa todo ser humano. A passividade das origens nos torna, necessariamente, descentrados com relação a nós mesmos: o eu não está lá desde as origens e ele só se forma como formação reativa às excitações depositadas pelo outro. A prioridade, vê-se, é do outro: externo, num primeiro momento; e interno, o inconsciente propriamente dito, posteriormente. Quando a teoria demonstra esse descentramento ela trabalha a favor da revolução copernicana. Quando ela é contrária a essa revelação, ela é ptolomaica.

Feita essa breve introdução à TSG, podemos voltar ao texto de Freud. Quando ele fala em “unidade biológica” entre o eu e o isso, temos um problema grave: em primeiro lugar, o eu e o isso não são “biológicos” propriamente falando. A relação entre essas instâncias psíquicas e a biologia é bastante complexa<sup>9</sup>. Além disso, eles não formam uma “unidade”, nem nunca formarão. O eu e o isso são radicalmente e para sempre opostos. O máximo que conseguimos são soluções de compromisso entre as satisfações pulsionais de um lado e de outro. Isso deixa claro também porque não podemos assumir a responsabilidade pelo isso, mas, no máximo, responder ao que vem d’isso:

(...) o essencial é a tentativa de “tratamento” dessa mensagem [sexual comprometida com o inconsciente do adulto que cuida do bebê] por toda criança, com os meios que dispõe, inteiramente inadequados. Esse tratamento é tentativa de tradução, *resposta* sempre inadequada que deixa cair o que nomeio “representações-coisa”, que são os significantes inconscientes. Tradução imperfeita, fracasso dessa tradução, trata-se de dar um conteúdo ao que Freud chama “recalcamento originário”, pois a constituição do inconsciente e que, se o levamos a sério, implica que o inconsciente tenha uma origem individual no ser humano e não deve ser de nenhuma maneira conduzido a um isso biológico pré-existente. (RR, 164-5).

No texto examinado, há um movimento ptolomaico quando Freud fala de uma “unidade biológica”, mas há um direcionamento copernicano quando Freud conclui lembrando que o “narcisismo da humanidade” deveria reconhecer a natureza moral de seus sonhos. Aqueles que se recusarem e quiserem ser “melhores” do que foram criados, Freud os desafia a atingir algo mais na vida além da hipocrisia e a inibição. Além dessa passagem conclusiva, há uma passagem curiosa, um detalhe já citado acima, na qual Freud fala de “espíritos estranhos” – Laplanche fala aqui de uma *hipótese demoníaca*.

Laplanche interpreta esses “espíritos estranhos” justamente como a marca dessa alteridade impossível de traduzir. Lembremos que a terceira nota de Freud, publicada na mesma data que esse texto sobre a responsabilidade, diz respeito à relação dos sonhos com o ocultismo e a telepatia. Laplanche ainda lembra que não é a primeira vez que Freud irá falar da telepatia. Como interpretar esse interesse de Freud por um tema tão avesso ao espírito cético que o caracterizava de maneira geral? Uma forma de se interpretar é pensar que a telepatia e a hipótese demoníaca são versões pouco claras do descentramento absoluto proposto por Freud. É como se ele ainda tivesse que se valer de teorias populares para dizer aquilo que a psicanálise pode enunciar sem precisar

<sup>9</sup> Laplanche é bastante crítico ao *desvio biologizante* de Freud. Em toda a sua obra vamos encontrar críticas contundentes a esse movimento ptolomaico. Cf. *Fantasia originária, fantasias das origens e origens da fantasia*. (Disponível em: <http://www.4shared.com/file/4JCm3JJ4/Livroslaplancheptbr.html>)

supor demônios ou a influência telepática dos outros. Há muitas formas de se enunciar a precariedade do eu, seu permanente caráter invadido. Algumas teorias tentam preservar o outro apenas do lado de fora – como é o caso da telepatia e do espírito – mas a psicanálise assevera que esse outro é interno-externo, advindo de nossas relações amorosas precoces.

Voltando à responsabilidade pelos desejos maus: Freud chega dizer que somos *compelidos* a nos responsabilizar por eles. Alguns pacientes obsessivos levam isso às últimas conseqüências. O que importa é traduzir essa compulsão à responsabilidade como um ataque advindo do isso: “a consciência é, em si, uma formação reativa contra o mal percebido no isso” (ESB, XIX, 166; GW, I, 568).

Já no texto “O significado oculto dos sonhos”, o que interessa, para Laplanche, não é o fato inusitado de Freud falar em telepatia. É quando Freud a nomeia transferência de pensamento (*Gedankenübertragung*): usar *Übertragung* – transferência – não deixa de ter ressonâncias importantes para um psicanalista. De qualquer forma, o ponto é que Freud conclui que mesmo se houver telepatia (transmissão / transferência de pensamento), esse material será modificado e transformado em sonho... como qualquer outro material. (ESB, XIX, 173; GW, I, 573).

O sentido dessa discussão em torno da telepatia para Laplanche é apontar para o vetor de estranheza presente em toda mensagem: “(...) o sonho não trata de coisas ou de estímulos ou de traços perceptivos, mas de traços de mensagens interhumanas” (RR, 161). Quando Freud permite ao oculto entrar no campo da experiência, ele o deixa inacessível à entrada em cena do outro. Freud é copernicano ao perceber a estranheza, mas é ptolomaico ao articulá-la com o telepático.

O copernicanismo de Laplanche é defendido numa brincadeira a ser levada a sério: “(...) a primeira pessoa, a pessoa que fala; a segunda pessoa, a pessoa a quem eu falo; a terceira pessoa, a pessoa de quem eu falo. *Mas* qual é então... a pessoa que me fala? Pois não é certamente, nem eu, nem tu, nem ele” (RR, 162).

O descentramento proposto pela psicanálise é bem mais radical do que aqueles já vistos no campo filosófico. Não se trata apenas de descentrar o sujeito de sua consciência. A estranheza do isso diz respeito ao primado do infantil e do sexual. “Qual é a pessoa que me fala?”, brinca Laplanche. Ao que podemos responder que jamais teremos uma “pessoa” nesse lugar, não se pode falar de um “sujeito do inconsciente” ou de um “inconsciente estruturado”, pois o que o inconsciente vem fazer é justamente mostrar a insuficiência de qualquer sujeito, de qualquer organização.

Já caminhando para o final de seu texto, Laplanche comenta brevemente o caso de Jó e a frase *homo homini lupus*.

Quanto ao caso de Jó, Laplanche pensa na interpelação feita a Jó como uma situação de disimetria absoluta. Trata-se de um mito literário-religioso que metaforiza o que poderia ser descrita como uma situação originária sádico-anal. A história de Jó é, com linhas fortes, aquilo que uma criança sofrendo uma violência atroz passaria. Um ponto curioso é que Jó “responde por”, isto é, ele se pergunta: o que fiz para que você (deus) me tratasse assim, qual é a minha responsabilidade em tudo isso? Ele não responde diretamente, no sentido de uma má resposta, no sentido em que dizemos de uma criança

que ela é “respondona”, ou seja, quando se tenta argumentar ou dizer onde se demanda o silêncio. Interpretação bem breve de Laplanche, mas importante, pois esse mito coloca em evidência que a resposta muitas vezes se impõe e, dependendo da forma dessa resposta – responder por ou diretamente – a situação do sujeito pode mudar ou continuar a mesma.<sup>10</sup>

(Pois se a resposta obsessiva pode compelir o sujeito a assumir a culpa inclusive pelos crimes que apenas desejou cometer, a resposta masoquista pode inclusive convocar o outro concreto para punir o sujeito por seus desejos. A resposta é uma tradução possível, arranjada com o que se tem, a partir da situação originária. Não necessariamente, portanto, a resposta é uma posição moral neutra à qual devemos imediatamente convocar alguém. Percebam que a leitura de Laplanche coloca muitas reticências nesse discurso da “responsabilização” do sujeito por seus atos. Não pelo caminho de alguma sociologia – abonando o sujeito percebendo-o como fruto de seu contexto histórico-social – mas pela via da psicanálise, isto é, concebendo-o como sujeito-hermeneuta que traduziu como pôde sua situação amorosa originária. Obviamente, essa tradução é singular e historicamente determinada.)

Quanto à frase *homo homini lupus*, fiz um longo comentário sobre ela no artigo ainda inédito “O animal na obra de Freud: uma leitura de O Senhor das Moscas”<sup>11</sup>. Não vou me repetir aqui, quero apenas lembrar a tese básica de Laplanche: a violência humana é sexual. As fantasias sádicas que fazem sofrer o outro não podem ser situadas do lado da natureza e do inato.

Laplanche adverte, lembrando um texto seu sobre a pena de morte, que não defende uma ausência de responsabilidade. A posição de Laplanche é bem clara: o criminoso tem o direito à sanção. Nesse caso, a resposta deve ser mediada pela lei.

Laplanche conclui seu texto: “(...) a psicanálise, tal como inaugurada por Freud, é o lugar maior, senão único, no qual o ser humano pode tentar reelaborar sua resposta, suas respostas, à estranheza do sexual em si primeiro, e talvez fora” (RR, 172).

(O que me parece importante nesse texto de Laplanche é que ele nos convida a continuar a revolução copernicana inclusive no que tange à filosofia moral. A psicanálise não pode simplesmente convocar o sujeito a “assumir a responsabilidade” por seus atos. Isso seria, mais uma vez, um movimento ptolomaico, na medida em que pressuporia autonomia e poder ao eu. Com a noção de resposta, Laplanche não só mantém a prioridade do outro, como também aponta para o caráter singular da relação do sujeito com o seu desejo inconsciente. A noção de responsabilidade ainda está imersa numa crença de que *todos* devemos caminhar para um posicionamento moral específico. O obsessivo e o masoquista, no entanto, mostram que nem sempre assumir a responsabilidade é uma virtude ou está ligada a um tipo de reflexão ética ponderada e analítica por parte de alguém. Da mesma forma, quando se fala em resposta estamos falando na possibilidade de *elaboração das respostas* ao outro interno que são ainda e sempre *reelaboração* das respostas que o sujeito conseguiu dar, precariamente, durante a situação originária. Obviamente, essas respostas ao inconsciente levam

<sup>10</sup> Para Laplanche, a sexualidade adulta pode ser *implantada* ou *intrometida* no bebê durante a situação originária. Para um apanhado geral disso, tendo em vista uma análise da síndrome do pânico, recomendo minha apresentação sobre Francis Bacon: <http://www.fabiobelo.com.br/wp-content/uploads/panico.pdf>

<sup>11</sup> Disponível aqui: <http://fabiobelo.com.br/animal.pdf>

necessariamente a resposta ao outro externo. Acredito que o trabalho ético sobre si mesmo – analisar por que desejamos como desejamos – sempre deve levar em consideração a prioridade do outro sem que isso necessariamente redunde, por um lado, em autonomia e, por outro, passividade. O excesso dessas duas respostas parecem ser os problemas éticos mais importantes aos quais devemos nosso trabalho de analistas.)

BH, 15 de janeiro de 2011